

Sororidade científica entre mulheres-professoras-pesquisadoras como ruptura da geopolítica do conhecimento no semiárido brasileiro

LORENA LIMA DE MORAES*

LETÍCIA CAROLINA NASCIMENTO**

Resumo: A educação superior no Brasil ainda é um privilégio. A partir de alguns esforços, há pouco mais de uma década, foi possível uma ampliação e reestruturação de universidades públicas, o que proporcionou uma maior interiorização. Todavia, dentro de uma geopolítica do conhecimento acadêmico, os recursos e oportunidades não são equitativos entre as instituições de ensino superior, o que produz inúmeras assimetrias sociais. Além da geopolítica, uma crítica feminista nos permite constatar que mulheres estão ainda mais distantes do processo de distribuição de recursos e oportunidades. Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo refletir sobre as nuances que colocam mulheres-professoras-pesquisadoras de instituições do Semiárido brasileiro à margem da produção científica, apresentando a criação da Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido (RIMAS), como uma tática de resistência às desigualdades científicas. Conclui-se que a RIMAS, a partir da sororidade entre mulheres-professoras-pesquisadoras, consegue estabelecer uma rede de trocas e apoio, desde o Semiárido, que potencializa o ensino, a pesquisa e a extensão.

Palavras-chave: Rede; Feminismo; Professoras-pesquisadoras; Semiárido; RIMAS.

Scientific sorority among female professors-researchers as rupture in the geopolitics of knowledge in the brazilian semiarid

Abstract: Higher education in Brazil is still a privilege. Efforts were made a little over a decade to expand and restructure public universities, which enabled their interiorization. Nonetheless, in the geopolitics of knowledge, resources and opportunities are not equitably distributed among higher education institutions, which leads to several social asymmetries. In addition to the geopolitical factor, the feminist critique allows us to verify that women in academia are even more distant from the distribution of resources and opportunities. Therefore, the present paper aims to reflect on the nuances that place women professors-researchers working in higher education institutions in the Brazilian Semi-arid at the margins of scientific production in addition to introducing the Interdisciplinary Network for Academic Women in the Brazilian Semi-arid [Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido – RIMAS] as a strategy of resistance against scientific inequity. We show that the RIMAS, through the sorority of women professors-researchers, has established relationships of academic exchange and support, based on the Semi-arid, acting as springboard to teaching, research and extension activities.

Key words: Network; Feminism; Women professors-researchers; Semi-arid; RIMAS.



* **LORENA LIMA DE MORAES** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).



** **LETÍCIA CAROLINA NASCIMENTO** é Pedagoga e professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda em Educação (UFPI). Vinculada ao NEPEGECI/UFPI; RIMAS/UFRPE; POCs/UFPEL. Pesquisadora vinculada a ABPN e AINPGP. Ativista do Acolhe Trans e FONATRANS. Autora do livro Transfeminismo, na Coleção Feminismos Plurais coordenada por Djamilia Ribeiro.

Introdução: delineando outros horizontes para a educação brasileira

Há pouco mais de uma década, a educação brasileira iniciou uma nova fase. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) foi uma iniciativa que propôs a expansão da educação superior inclusiva e democrática, visando reduzir as desigualdades regionais ao estabelecer um conceito de universidade que contempla a realidade nacional. O Reuni se configurou como um programa voltado para a expansão da educação pública, autônoma e de qualidade, firmando-se como uma política pública de democratização do acesso e da permanência ao ensino superior.

Além da ampliação do número de cursos e vagas destinadas aos estudantes, a interiorização dos *campi* foi acompanhada da realização de concursos para docentes e técnicas(os) administrativas(os), suprimindo uma demanda de alocação de profissionais qualificadas(os) no mercado de trabalho. O Reuni garantiu um acesso mais democrático à universidade pública, amparando-a com profissionais das mais diversas áreas para o desenvolvimento do ensino, pesquisa científica e extensão.

Tanto as universidades como os Institutos Federais (IFs) atuam como mais uma frente de fortalecimento e ampliação das possibilidades de educação no país. A expansão e interiorização dos IFs têm, ao longo dos últimos anos, proporcionado a inclusão do acesso de novos sujeitos sociais à educação de qualidade em regiões até então não privilegiadas. Sustentando-se no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, sua missão principal é promover a formação cidadã por meio da produção, disseminação e aplicação

dos conhecimentos científicos e tecnológicos, objetivando assim uma inserção social, política, cultural e ética. Além disso, promove também a oportunidade de uma educação pública, gratuita e de qualidade desde o ensino médio.

O investimento em atividades de pesquisa e extensão por meio de IFs e universidades alocadas em municípios interioranos do Nordeste brasileiro implica no enfrentamento das relações de poder dentro e fora do meio acadêmico. Assim, o fortalecimento dessas iniciativas desempenha não só um papel estratégico de visibilidade dessas discussões, mas se reflete na diminuição das desigualdades sociais na região. Em outra direção, um aspecto relevante da interiorização das Instituições de Ensino Superior (IES) refere-se ao deslocamento epistêmico para o Semiárido brasileiro, que se torna, cada vez mais, sujeito das formas de enunciar e pensar esse território e as relações nele produzidas.

Apesar dos esforços, a interiorização ainda reproduz assimetrias em relação à presença e participação de mulheres-professoras-pesquisadoras que enfrentam o machismo cisheteropatriarcal nas instituições de ensino seja no interior do país, seja nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo refletir sobre outras nuances que colocam mulheres-professoras-pesquisadoras de instituições do Semiárido brasileiro à margem da produção científica, tanto em relação à geopolítica do conhecimento, como em relação ao machismo cisheteropatriarcal. Além de apresentar estratégias de resistência, como a criação da Rede Interdisciplinar de Mulheres Acadêmicas do Semiárido (RIMAS).

De dentro para dentro: o Encontro feminista que gestou a RIMAS

Entre os dias 4 e 7 de dezembro de 2018 aconteceu, em Salvador/BA, o XX Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR), que tinha como tema *Feminismos, ativismos e produção do conhecimento*. Na manhã do terceiro dia de evento, ocorreu a mesa redonda *Feminismos, lugares de fala e geopolítica do conhecimento*, no auditório da reitoria da Universidade Federal da Bahia. Essa mesa, composta por mulheres de diferentes nacionalidades e níveis de escolaridade, visava estabelecer um diálogo entre o feminismo hegemônico e os feminismos das mulheres negras, com o intuito de refletir sobre como as pesquisas de gênero vêm sendo produzidas nas instituições (universidades, ONGs etc.), evidenciando a necessidade de considerar outros saberes que fogem da tradição epistêmica ocidental europeia. O debate, que instigou a reflexão de que todo conhecimento é situado, plural, político e democrático, apontava para a geopolítica do conhecimento¹ como indicador do saber universal e a-histórico dos estudos de gênero protagonizado pelas mulheres brancas e ocidentais.

As exposições das participantes da mesa-redonda instigaram a socióloga, professora-pesquisadora Paula Galvão (UNIVASF) a contribuir, desde sua condição de espectadora na plateia, comentando sobre a centralização dos eventos científicos no Brasil, mesmo

aqueles que possuem como proposta uma crítica à geopolítica do conhecimento. Na sua fala, ela abordou como esses eventos têm sido tradicionalmente realizados nas capitais do país, fundamentalmente nos grandes centros urbanos. Essa centralização, segundo ela, tem relegado as regiões do interior do país, especialmente o Semiárido nordestino, a segundo plano, fato que incide diretamente nas dificuldades de diálogo e partilha do conhecimento entre as professoras-pesquisadoras dessas regiões para com as que estão localizadas nos grandes centros.

Como um imã, a socióloga atraiu outras professoras de distintas áreas e instituições do ensino superior (Lorena Moraes — UFRPE/UAST; Anacely Costa — UNIVASF/Campus Paulo Afonso e Ana Cleide Dias — UNIVASF/Campus Paulo Afonso), alocadas no interior do Nordeste brasileiro, que viram, na provocação de Paula Galvão, uma possibilidade de se integrarem por meio de uma rede. Em oportunidade posterior, elas contactaram-se por e-mail e passaram a convidar outras colegas professoras-pesquisadoras alocadas em universidades do interior do Nordeste e que fossem também feministas para que integrassem a RIMAS.

Iniciada em janeiro de 2019, a RIMAS tem como objetivo dar visibilidade à produção científica realizada por mulheres no território do Semiárido brasileiro, bem como estimular as colaborações no ensino, na pesquisa e na extensão. A Rede atualmente é um instrumento potente de trocas de saberes, intercâmbios e de novas reflexões ao redor das produções acadêmicas realizadas por mulheres no território do Semiárido, além de nos embalar para minimizar os efeitos da

¹ Sobre as problematizações acerca das condições geopolíticas de produção do conhecimento, indicamos a leitura do semiólogo argentino Walter Mignolo (2020) e da antropóloga social afro-dominicana Ochy Curiel (2019).

solidão acadêmica, que, por vezes, provoca desânimo. A solidão acadêmica vivida por parte das professoras-pesquisadoras que integram a RIMAS se justifica por alguns motivos, um deles refere-se ao fato de que parte delas são da área de Humanidades e estão vinculadas a instituições com foco nas áreas de Ciências Naturais, Agrárias, Biomédicas e Tecnológicas, o que restringe possibilidades de orientação, participação em bancas de monografia, vinculação aos programas de pós-graduação e, sobretudo, o diálogo e a troca de conhecimento com estudantes de cursos referentes à nossa formação e atuação.

Além disso, mesmo quando lotadas em cursos da área de Humanidades e/ou de nossa formação inicial, em vários momentos as parcerias são limitadas devido às nossas atividades de pesquisa, ensino e extensão se relacionarem com temáticas que possuem dificuldade de serem absorvidas pelo currículo das graduações, tais como gênero, raça, juventudes, violências, pobreza, direitos humanos e outras questões. Dentro de uma perspectiva interseccional, as temáticas se atravessam e habitam os nossos territórios, mas, infelizmente, nem sempre são compreendidas como importantes para a formação acadêmica. Logo, nós, professoras-pesquisadoras da RIMAS, assumimos, em nossas instituições, um compromisso eminentemente político, por meio da educação, em diálogo com os movimentos sociais, as comunidades locais e os feminismos, mas esse compromisso nem sempre nos possibilita a realização de parcerias dentro das instituições.

Assim, a RIMAS busca preencher essas lacunas ao se projetar como uma alternativa estratégica para produzirmos pesquisa, publicações e eventos,

ampliando a nossa possibilidade de diálogo sobre feminismo, questões de gênero, raça, etnia, educação e direitos humanos com as companheiras que estão inseridas em contextos similares, pois são esses os eixos que nos movem. Portanto, constituímos-nos enquanto mulheres, acadêmicas, cientistas, nordestinas, interioranas (de nascimento ou experiência) e feministas, reunidas em torno da construção do conhecimento científico feminista, antirracista, antissexista, coletivo, solidário e respeitoso, com nossas(os) companheiras(os) acadêmicas(os), interlocutoras(es) de pesquisa e campos de pesquisa, desde o território do Semiárido, que tanto nos ensina e acolhe.

Em maio de 2019, ocorreu o I Encontro da RIMAS na cidade de Serra Talhada/PE, sediado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada e, nesse evento, contamos com professoras-pesquisadoras lotadas em instituições interioranas dos estados de Pernambuco, Ceará e Bahia. O encontro teve o objetivo de solidificar uma estrutura de compartilhamento de conhecimentos e produção acadêmica interdisciplinar entre as integrantes, além da materialização da construção de propostas para projetos coletivos, como o presente dossiê.

Até o momento, a RIMAS conta com 26 integrantes de 14 instituições do Semiárido, sendo cadastrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Atualmente, está desenvolvendo um projeto de extensão intitulado *Balançando a RIMAS*, que consiste em *lives* no *Instagram* com o objetivo de apresentar as professoras-pesquisadoras e suas respectivas pesquisas, contando paralelamente com a produção de conteúdo digital para essa mesma rede

social, que se relaciona com os temas das *lives*, além dos conteúdos relacionados às produções acadêmicas das integrantes da Rede, indicação de livros e filmes com temas feministas.

Vale ressaltar que em 2020 um grupo de pesquisadoras aprovou um projeto com financiamento do Ministério da Cidadania e CNPq com equipe formada apenas por professoras-pesquisadoras da RIMAS, concretizando um dos seus objetivos, que é sairmos do isolamento e do apagamento que as instituições do interior do Nordeste enfrentam. A nossa união na Rede visa a produção coletiva do conhecimento e, também, a busca por financiamento para pesquisa e extensão, questionando a democratização e distribuição dos recursos para a ciência no Brasil.

O Semiárido como território de partida e de chegada

O Semiárido brasileiro ocupa 12% do território nacional, abrange 1.262 municípios, de acordo com a delimitação atual divulgada em 2017 (Resolução 115, de 23 de novembro de 2017, da Sudene) e comporta uma população de aproximadamente 27 milhões de brasileiras(os) (12% da população nacional)². De acordo com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), o Semiárido engloba os nove estados da região Nordeste além da parte setentrional de Minas Gerais (o Norte mineiro e o Vale do Jequitinhonha), ocupando cerca de 18% do território do estado.

Marcado por suas características climáticas com longos períodos de estiagem, por muito tempo esse território carregou no imaginário social brasileiro apenas a representação da fome e da miséria. Contudo, é verdade

que, para muitas pessoas que vivem no litoral nordestino, bem como para o restante do Brasil, esse imaginário equivocado ainda permanece e continua frequentemente sendo reforçado pela imprensa nacional (REIS, 2010). Edmerson Reis (2010, p. 112) defende que há uma estereotipação do Semiárido e de sua população, e a imprensa nacional e os escritores que retrataram essa região se restringem apenas a uma época do ano, ou apenas a um ângulo da região, deixando de considerar a complexidade do Semiárido brasileiro. Ou seja, diz ele: “é uma região que é vista por uma caricatura que criaram da gente”.

De acordo com Ana Maria Dubeux e Alzira Medeiros (2015, p. 9), desde o processo de redemocratização da sociedade brasileira, a partir da década de 1980, passou-se a buscar alternativas para o desenvolvimento do Semiárido brasileiro, abandonando o modelo de “combate à seca” e privilegiando a “convivência com o semiárido”, que se tratava de um conjunto de “processos de vivência e da produção de conhecimentos em torno das tecnologias de captação e armazenamento de água de chuva, do manejo sustentado da caatinga, de tecnologias alternativas de produção, da soberania alimentar, da educação contextualizada, entre outras”. As autoras chamam atenção para a ideia de um Semiárido vivo, com vida e possibilidade de se fazer viver com dignidade, desde que se respeite o meio ambiente e a cultura local (DUBEUX; MEDEIROS, 2015).

Além da imprensa nacional e de escritores consagrados da literatura que retratam/retrataram o Semiárido como um território miserável e infértil de vida e saberes, Edmerson Reis (2010) nos lembra que os livros didáticos também

² Ver mais em:

<https://www.asabrasil.org.br/semiario>

são instrumentos que reforçam essa imagem negativa da região, de seus habitantes e de uma ideia que nada se produz ali. Essa ideia negativa que se criou em torno do Semiárido brasileiro se reverbera nas IES localizadas nessa região, bem como na imagem de suas(eus) docentes, que, ao serem invisibilizadas(os) e diminuídas(os), introjetam a ideia de que estão ali por não serem capazes de ingressar em uma instituição reconhecida e de qualidade — leia-se: da capital e de preferência das regiões Sul ou Sudeste.

Reis (2010, p. 112) afirma que, ao absorvermos esse imaginário depreciativo sobre o Semiárido, “cria-se e introjeta no sujeito a impossibilidade de solução dos problemas, porque produzem o sentimento de impotência de um sujeito que não tem a condição de superar-se a si mesmo (sic) e nem de superar as condições e vulnerabilidades do meio em que vive.” Assim, é no sentido de desmistificar tais questões que nos reunimos em rede, como uma forma de resistir a esse imaginário limitado que desconhece a complexidade desse território, tampouco sua diversidade cultural, as tecnologias e a produção científica e acadêmica produzida por mulheres.

Enquanto professoras-pesquisadoras, nossa relação com o território do Semiárido é diversa e atravessada por múltiplas experiências, pois nem todas nós somos naturais do Semiárido e nem todas somos nordestinas. Todavia, ao nos deslocarmos de nossas origens para habitar nesse território, passamos a ser atravessadas por outros modos de ver-sentir-viver o mundo. Somos mulheres (con)vivendo em um território onde as desigualdades de gênero são um forte marcador social, com nuances próprias. Somos professoras numa região ainda regida pelo patriarcado, coronelismo e

clientelismo, além do alto índice de analfabetismo, sobretudo no que tange às populações rurais e tradicionais. Mas não são apenas os problemas sociais que nos atravessam, uma vez que ficamos encantadas com as ricas expressões culturais, com a maneira aguerrida com a qual os movimentos sociais e associações diversas se organizam na luta por direitos, na relação que as comunidades estabelecem com a terra e com o rio.

Partindo ou chegando do/no Semiárido, somos completamente capturadas de modo que nossas aulas e as atividades de ensino de modo geral, assim como a pesquisa e a extensão, passam a incorporar as experiências desse território. Ademais, ao habitarmos o Semiárido, assumimos o estigma por estarmos vinculadas a ele profissionalmente, o que nos coloca a uma certa distância das capitais brasileiras, dos centros e dos departamentos que concentram recursos, pós-graduações, revistas acadêmicas, oportunidades e confiança científica. Desse modo, nessa escassez de investimento, precisamos ser criativas para realizar ensino, pesquisa e extensão.

Assim, aos poucos, nosso vínculo deixa de ser meramente profissional e passamos a cultivar um vínculo com o território, com a cultura, com o meio ambiente, com as pessoas, com suas histórias e saberes. Nesse sentido, a RIMAS assume como missão subverter e transgredir a lógica de produção de conhecimentos acadêmicos a partir de critérios hegemônicos e universais, seja europeu, sulista ou sudestino. A nossa Rede visa a valorização de saberes autênticos, com história enraizada, particularidades, experiências plurais, dialogando com atrizes e atores locais, reconhecendo e demonstrando interesse

por seus conhecimentos, modos de vida, modos de produção, relações sociais, relações interespecies, sexualidades interioranas múltiplas, performances de gênero, etnicidades, juventudes etc.

A nossa produção acadêmica e científica, seja enquanto professoras ou pesquisadoras, parte de uma educação contextualizada com o Semiárido brasileiro, construída com nossas(os) estudantes, movimentos sociais, escola, coletivos artísticos e outras entidades e instituições locais. Todavia, essa construção não se fecha em si. É verdade que há um ponto de partida, que é o Semiárido brasileiro, e que nos interessa visibilizar as riquezas materiais ou imateriais que existem nesse território, mas não nos isolamos nele, ao contrário, a RIMAS tem o propósito de nos retirar desse isolamento que já nos encontramos, mas que nunca nos colocamos. Esse isolamento é somente um reflexo da história do Brasil que reverbera até os dias atuais.

Desse modo, nos colocamos conectadas com outras regiões do país, países da América Latina e de outras partes do mundo, retroalimentamo-nos internamente também, pois, mesmo dentro do Semiárido, há uma diversidade cultural enorme, e todo esse exercício de deslocamento de sentidos, referências e saberes nos fortalece para retornarmos ao território que nos acolhe. Essa dinâmica embasa a nossa atuação enquanto professoras-pesquisadoras diante da promoção da educação contextualizada, promovendo o compartilhamento de conhecimentos e saberes diversos com as(os) sujeitas(os) locais que passam a compartilhar conosco o conhecimento em sintonia com o mundo global, mas que as(os) permitem o aprofundamento no mundo em que vivem, de maneira

contextualizada, sem que predomine um ou outro saber (REIS, 2011; 2020). Essa partida e chegada da construção do conhecimento alimenta uma "educação insurgente", que

compreende o contexto implicado em uma teia mais ampla de referências, fluxos, conexões e sentidos que extrapolam o recorte espacial de um território local, compreendendo que os conhecimentos não são isoláveis e nem isolados na/da realidade, mas que os sujeitos precisam ampliar, cada vez mais, a dimensão daquilo que já conhecem. (REIS, 2010, p. 123).

É nessa tônica que provocamos a comunidade acadêmica por meio da nossa união na Rede, a partir de nossos territórios, de nossas experiências profissionais e de vida e da diversidade produzida e reproduzida no Semiárido brasileiro, a fim de projetar nossas produções, mas também amplificar as vozes por uma distribuição de recursos mais igualitária para estruturação de nossos *campi* e para a produção de ciência e construção de conhecimentos outros.

Além das questões ressaltadas que giram em torno da geopolítica do conhecimento que escanteia o Semiárido brasileiro e as universidades interioranas do Nordeste, soma-se o machismo estrutural, que coloca as mulheres-professoras-pesquisadoras nesse contexto em dupla desigualdade. É por isso que na RIMAS apostamos em uma educação como prática de liberdade, com engajamento político. Nossas práticas são adubadas pelos ensinamentos do educador brasileiro Paulo Freire (1996) e da teórica feminista estadunidense bell hooks (2013). Acreditamos numa educação que nos possibilite transgredir as fronteiras da geopolítica do

conhecimento. Nossa aposta também coaduna com as proposições da antropóloga social afro-dominicana Ochy Curiel (2019, p. 48), buscando “fazer investigações, propostas metodológicas e pedagógicas a partir dos processos coletivos, desde as organizações e comunidades, para fortalecer marcos analíticos próprios, que permitem buscar melhores vias para a transformação social”.

Rimas, uma Rede feminista no Semiárido

O feminismo atravessa as pesquisadoras-professoras da RIMAS de diversos modos. É o chão do feminismo que alimenta nossos anseios, revoltas, práticas, insubmissões, articulações, posicionamentos políticos e epistêmicos. Ao desenvolvermos nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão no interior do Nordeste, cruzando o Semiárido, somos levadas a compreender que não é apenas a dimensão geopolítica que invisibiliza nossas experiências, não é apenas o fato de estarmos em um território com escassez de investimento e reconhecimento. Nós compartilhamos o fato de sermos mulheres cisgêneras e transgêneras. Logo, gênero torna-se um importante eixo analisador de sistemáticas exclusões acadêmicas.

Apesar de nossa análise ter como eixo condutor mulheres no Semiárido, na ausência de dados específicos sobre esse território, o que já evidencia um apagamento e incompletude dos dados, acreditamos ser importante apresentar os dados de como as mulheres estão distribuídas nas IES no país. Os dados são do Censo da Educação Superior de 2018/Inep e revelam que as mulheres são 46% dentre os docentes do ensino superior no Brasil. A maior parte das professoras se concentra na faixa etária entre 30-40 anos (34,1% ou 55.932),

são brancas (52,4% ou 86.095) e doutoras (43,6% ou 71.995). Em relação ao local de nascimento, 33,5% das professoras universitárias nasceram na região Sudeste e 17,3% são nordestinas; já quanto à região onde lecionam, 43,1% estão concentradas na região Sudeste e 21,5% trabalham na região Nordeste. O Censo contou com 164.179 respondentes, sendo 51,6% professoras de instituições privadas e 47,9% professoras de instituições públicas.

Os dados evidenciam como somos atravessadas por diferentes marcadores de exclusão. Somos uma parcela inferior em relação aos homens (46%); há uma concentração maior de mulheres no Sudeste (33,5% e 43,1% das professoras universitárias, respectivamente, nasceram e lecionam na região Sudeste).

Além disso, a dimensão racial também é uma importante variável, uma vez que a maioria é branca (52,4%). Em outro aspecto, percebe-se que há um corpo docente feminino jovem, fruto das políticas públicas de expansão do ensino superior. Por outro lado, predominam as mulheres brancas e sudestinas nesses espaços. Acreditamos que o chão do feminismo interseccional é o lugar a partir do qual podemos analisar esses dados para tentar compreender a encruzilhada de opressões na qual nossas experiências se situam.

É por isso que entendemos que não é apenas a geopolítica do conhecimento que nos invisibiliza, não é apenas estarmos no Nordeste, mais especificamente no Semiárido. A desigualdade de gênero é um forte marcador dessa relação, sendo ainda um desafio reconhecer mulheres cisgêneras e transgêneras como produtoras de epistemologias. Além de estarmos no

interior do Semiárido nordestino, somos mulheres; muitas de nós ainda são negras; a maior parte de nós ainda se insere dentro das Ciências das Humanidades (que também possuem desprestígio). Essas rupturas precisam ser anunciadas e enunciadas. Somos o risco de produzirmos outra universalização que produz outros apagamentos. Sim, nós podemos afirmar que as mulheres de modo geral são deslegitimadas como produtoras de epistemologias, mas existem outros analisadores que, quando evidenciados, produzem assimetrias diversas.

Na RIMAS assumimos o desafio de pensar a nós mesmas de dentro para dentro e de dentro para fora, fazendo movimentos diversos de escavação, plantio, floração e colheita a partir do chão feminista e fértil no qual estamos enraizadas. Se por um lado nossas raízes nos convidam a pensar a firmeza, dureza e fartura do chão do Semiárido, por outros lados, nossos galhos se estendem para além do Nordeste, cruzando o Brasil e a América Latina. A RIMAS não se fecha ou se finda no Semiárido. Nosso território é nosso ponto de partida e também de encontro. No dossiê com o tema *Dissidências de gênero e sexualidade(s) em contextos interioranos e/ou rurais*, as(os) pesquisadoras(es) Esmael Oliveira, Letícia Nascimento, Lorena Moraes e Márcio Caetano (2020) apontam que não basta apenas conferir visibilidade às produções rurais e do interior, mas é fundamental exercer uma crítica constante ao modo pelo qual as estruturas acadêmicas se organizam e criam exclusões e assimetrias.

Nesse sentido, o Semiárido é pensado tanto de dentro para dentro, no que tange o fortalecimento de nossas trocas internas, como de dentro para fora, a partir de uma percepção crítica de

denúncia da estrutura acadêmica e da criação de laços para além do Semiárido. Nesse processo de trocas internas e externas, assumimos o Semiárido nordestino como território de partida e de encontro, uma encruzilhada com muitos caminhos. Recusamos qualquer possibilidade de produzir saberes universais sobre nós mesmas e sobre o mundo que nos cerca. Assim, compreendemos nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão a partir de saberes localizados, como propõe a filósofa estadunidense Donna Haraway (1995).

Nesse processo, pensar saberes localizados não significa assumir um relativismo em que tudo é válido, mas assumir o lugar de onde partimos, inclusive nossos interesses, opondo-se assim a uma neutralidade científica.

Mas a alternativa ao relativismo não é a totalização e a visão única que, finalmente, é sempre a categoria não marcada cujo poder depende de um sistemático estreitamento e obscurecimento. A alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia. O relativismo é uma maneira de não estar em lugar nenhum, mas alegando-se que se está igualmente em toda parte. A "igualdade" de posicionamento é uma negação de responsabilidade e de avaliação crítica. Nas ideologias de objetividade, o relativismo é o perfeito gêmeo invertido da totalização; ambos negam interesse na posição, na corporificação e na perspectiva parcial; ambos tornam impossível ver bem (aspas da autora, HARAWAY, 1995, p. 23-24).

Assim, para nós da RIMAS, o Semiárido é mais do que o território onde moramos ou trabalhamos, é o lugar a partir do qual adubamos nossas produções epistemológicas e políticas. Buscamos construir um pertencimento afetivo, político, epistêmico com essa/nossa terra e com essa/nossa gente, misturando-se com o povo, a fauna e a flora, fazendo parte da paisagem natural e cultural, bebendo da fonte dos mananciais. Localizamo-nos e referenciamos-nos nas nossas nordestinidades semiáridas que se constroem e se confundem com nossas práticas e saberes e é a partir desse lugar comum que conseguimos construir uma rede em que, de maneira solidária, compartilhamos a sororidade acadêmica. Rompemos com a solidão e buscamos aprender a não mais andar sozinhas, a segurar nas mãos umas das outras.

A RIMAS é uma rede acadêmica que se baseia na solidariedade entre mulheres em que buscamos exercer a sororidade como cuidado ético, afetivo e político. Para além do zelo e apoio que se refletem nas relações pessoais e subjetivas, também construímos parcerias acadêmicas a partir do planejamento conjunto de projetos de pesquisa e extensão; trocas de convites para aulas, cursos e palestras; colaborações editoriais em dossiês, artigos e livros; compartilhamento de experiências acadêmicas e referências bibliográficas, dentre outros laços de solidariedade. Como nos ensina a feminista negra e lésbica bell hooks (2019, p. 39), a “sororidade é poderosa”.

Na busca por saberes localizados no Semiárido nordestino, recusamos a universalidade do saber; por isso, abraçamos a interseccionalidade como importante paradigma de análise e,

assim, buscamos entender nossas experiências a partir do gênero, da territorialidade (geopolítica), da dimensão étnico-racial (afrodiaspórica e indígena), da classe (relações de trabalho). Pensar a interseccionalidade é mais do que pensar as nossas diferenças; demanda antes compreender o modo pelo qual diferentes opressões se conectam, fazendo uma grande estrutura colonial de hierarquização social e promoção de violências e vulnerabilidades.

Concordamos com a feminista negra brasileira Carla Akotirene (2019) sobre a compreensão da interseccionalidade como uma ferramenta teórica e epistemológica de análise das opressões, pensando coletivamente como vivenciamos as opressões. “A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletividade constituída [...]” (AKOTIRENE, 2019, p. 47). Desse modo, na RIMAS, a interseccionalidade nos possibilita pensar nossas conexões entre mulheres-professoras-pesquisadoras que compartilham um território e problemas de gênero que se implicam com as experiências étnico-raciais e de classe umas das outras, por compreendermos que o racismo, o cissexismo e o capitalismo alimentam a mesma estrutura colonial.

Na busca por compreender nossas próprias experiências pessoais e acadêmicas a partir de uma pluralidade, nos organizamos na RIMAS a partir das seguintes linhas de pesquisa (Diretório CNPq): Cultura, gênero e diversidades étnico-raciais; Discurso e representações de gênero; Gênero e educação; Gênero e políticas públicas; Gênero, memória e literatura; Relações de gênero e ruralidades; Saúde e direitos sexuais e reprodutivos das mulheres

rurais; e Saúde e práticas de cuidado. O gênero emerge como uma importante categoria de análise na Rede, sendo pensado interseccionalmente.

Essa diversidade e interseccionalidade também se apresenta na identidade visual da Rede. Em reunião coletiva virtual no primeiro semestre de 2020, escolhemos o cacto como nosso representante, mas ele não poderia ser seco e sem vida. Para compactuar com a imagem seca e pobre do Semiárido, ele precisaria ter vida, cor, flores, sem romantismo, pois sabemos de nossas dores e alegrias. Em nossa identidade visual também destacamos a nossa pluralidade enquanto mulheres diversas, contemplando diferentes cores, origens e tamanhos.

É importante destacar que a RIMAS tem sido, durante a pandemia, um lugar seguro para que suas integrantes troquem suas experiências acadêmicas, os desafios de sermos professoras-pesquisadoras em isolamento social, mas também a socialização das experiências de adoecimento e perdas, as angústias e os medos. As pesquisadoras da RIMAS, Leticia Carolina Nascimento (2020) e Joalice Conceição (2021), relatam que a pandemia desnuda as opressões sociais escancarando o modo pelo qual o Estado legitima o cissexismo, o racismo e a desigualdade socioeconômica. Para Nascimento (2020), no contexto da pandemia o autocuidado é uma prática feminista pessoal e coletiva a partir da qual podemos construir alianças interseccionais para cuidarmos umas das outras.

Considerações finais: RIMAS e semeadura de uma outra universidade

A pandemia de Covid-19 amplia assimetrias históricas relacionadas a gênero, à raça, à etnia, à classe, a territorialidades, dentre outras opressões. Assim, a RIMAS, de modo a enfrentar as escassas oportunidades científicas — que, embora intensificadas pela pandemia, possuem raízes estruturais anteriores — propõe o exercício da sororidade como tática de fortalecimento de nossas produções, ainda que, na pandemia, e mesmo antes dela, como professoras-pesquisadoras, é requerido de nós produção acadêmica, excelência no ensino, execução de pesquisas, desenvolvimento de extensão — exigências que temos que cumprir enfrentando violência de gênero e o isolamento geopolítico.

Frente as sucessivas violências e exclusões alicerçadas na desigual estrutura colonial do conhecimento, a sororidade é o modo pelo qual nossos galhos se encontram, se enlaçam, de nossas raízes fincadas no Semiárido. A RIMAS se estende para o mundo, criando modos irmanados de semear e florir. Ela pensa o Semiárido como lugar de chegada e partida, e, para nós — as integrantes —, a Rede é um grande lugar de encontro, a partir do qual as atividades de ensino, pesquisa e extensão podem ser pensadas, executadas e avaliadas coletivamente. Mais do que um modo de se organizar e se apoiar, acreditamos na RIMAS como um modo contra-hegemônico de pensar o ensino superior, dismantelandoo hierarquias geopolíticas, de gênero, raça, etnia e classe. Nosso acreditar em uma outra universidade já está plantado no solo do Semiárido e segue sendo cultivado e regado por todas nós. Viva a RIMAS!

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

CONCEIÇÃO, Joalice. Pandemia de Covid-19: entre vidas negras e a morte. IN: OLIVEIRA, Dayse Sacramento de; BARBOSA, Manoela dos Santos; MOREIRA, Nubia Regina. **Insubmissão intelectual de mulheres negras**. 1.ed. Salvador, BA: Devires; Rosa Luxemburgo, 2021.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. BALDUINO DE MELO *et al.* (Orgs). IN: **Descolonizar o feminismo: VII Sernegra**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019. p. 32-51.

DUBEUX, Ana Maria; MEDEIROS, Alzira. Introdução. In: MEDEIROS, Alzira; DUBEUX, Ana Maria; AGUIAR, Virginia de A. (Orgs.). **Agroecologia na convivência com o Semiárido**. Recife: Ed. dos Organizadores, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 22ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do

Conhecimento e a Diferença Colonial. **Revista Lusófona de Educação**, v. 48, n. 48, 2020.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. 1-22, 2020.

OLIVEIRA, Esmael A. de, NASCIMENTO, Leticia C. P. do; MORAES; Lorena L. de; CAETANO, Marcio. Apresentação Número Especial Dissidências de gênero e sexualidade(s) em contextos interioranos e/ou rurais: cruzando temas, problemas e perspectivas contemporâneas. **Revista Debates Insubmissos**, v. 3, nº 9, p. 6-11, 2020.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a Convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: Conceição de Maria de Sousa e Silva; Elmo de Souza Lima; Maria Luiza de Cantalice; Maria Tereza de Alencar; Waldirene Alves Lopes da Silva. (Org.). **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto**. 1 ed. Campina Grande - PB: Triunfal Gráfica e Editora, 2010, v. 1, p. 109-130

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro: Printpex/ADAC/UNEB/DCH-III/NEPEC-SAB, 2011.

REIS, Edmerson dos Santos. Educação contextualizada e educação glocal: pertencimento na mundialização ou formação para uma cidadania planetária. **Revista ComSertões** - Juazeiro - BA, v.8, n.1, janeiro-junho, 2020. p. 55-65

Recebido em 2021-06-05
Publicado em 2021-08-01